



# Oração, Amor & Sexo: antagonismos e negociações político-discursivas da felicidade numa prece na TV

Praying, Love & Sex: antagonisms and political-discursive negotiations on happiness through a TV prayer

Carolina Falcão<sup>1</sup>

## Resumo:

Neste trabalho, discuto as negociações político-discursivas da Oração da Felicidade, apresentada durante a última edição da 11ª temporada de Amor & Sexo (dezembro de 2018), programa de entretenimento da Rede Globo, voltado para o debate de questões sobre relacionamento e sexualidade. A Oração, proferida pelo pastor batista Henrique Vieira, mostra como os discursos religiosos podem construir visibilidades distintas no espaço público. Para isso, debato a noção de protagonismo religioso e apresento a oração como um gênero discursivo que se organiza em torno de um pedido. Na oração analisada, percebemos como a felicidade se constrói no enunciado da diversidade, tematizado a partir de questões relevantes tanto ao escopo do programa quanto para a pauta política nacional da época. **Palavras-chave:** Religião. Mídia. Protagonismo Religioso. Felicidade. Diversidade.

## Abstract:

In this paper we analyze the “Prayer of Happiness”, presented at the last edition of the 11th. Amor & Sexo season, a TV Globo entertainment program, focused on debating issues about relationship and sexuality. We argue how the prayer, performed by Baptist pastor Henrique Vieira, shows the necessary negotiations for religious discourses to be present at the public space. For that, we discuss prayer as a discursive genre that is organized around a requesting point. In the analyzed prayer, we can also see how happiness issues a relevant concern both to the scope of the TV program and to the national political agenda.

**Keywords:** Religion. Media. Public Space. Discourse. Happiness. Diversity.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife (PE). [carolina.falcao@ufrpe.br](mailto:carolina.falcao@ufrpe.br)

## INTRODUÇÃO

Num programa sobre relacionamentos e sexualidade humana, um pastor batista é convidado a fazer uma oração. A prece é a “Oração da Felicidade” e foi realizada pelo pastor Henrique Vieira durante o último episódio da 11ª temporada<sup>1</sup> de Amor & Sexo. A oração tomou a diversidade como tema, rogando pela proteção das minorias sociais e dos ativistas que lutam por ela. Neste trabalho, parto da análise da “Oração da Felicidade” como texto que responde ativamente aos acontecimentos políticos do país naquele ano de 2018 (período em que se realizaram as eleições majoritárias que escolheram Jair Bolsonaro como presidente do Brasil) para interrogar uma outra forma de compreensão sobre as densidades específicas com que figuras do protagonismo religioso (Falcão, 2022) acessam espaços midiáticos específicos e se reproduzem simbolicamente a partir deles.

Para isso, situo a oração como gênero discursivo que se constitui em torno de um pedido. Mas, orar pela felicidade é pedir pelo que, exatamente? Para responder a essa pergunta, argumento que o que se expressa na “Oração da Felicidade” diz muito sobre um lugar político/religioso/midiático que pode ser compreendido a partir do conceito de protagonismo religioso (Falcão, 2021, 2022). Assim, explico que a tematização pela diversidade, tal qual proposta pelo pastor, é o percurso pelo qual se constrói uma noção política (e, conseqüentemente, responsiva aos fatos extradiscursivos que se apresentavam no Brasil do final de 2018) sobre a felicidade, tema central da oração e do episódio em que foi veiculada. Além disso, é importante ressaltar como a estratégia de “felicidade política” desenhada na oração se alinha com o direcionamento editorial que o programa “Amor & Sexo” passou a adotar a partir de 2014, se concentrando numa pauta ativista, capaz de articular a temática da sexualidade e comportamento humano a questões mais amplas. Nesse sentido, é importante considerar como o referido programa propõe uma discussão da sexualidade atravessada por questões políticas. É a partir dessa inflexão editorial, que a “entrada em cena” da figura religiosa de Henrique Vieira e sua “Oração da Felicidade” são discutidas neste trabalho.

## ORAÇÃO, AMOR & SEXO

A Oração da Felicidade usa a diversidade como forma de tematizar as questões relevantes para a agenda do programa em sua virada editorial. Assim ela se apresenta:

Que todas as crenças religiosas sejam respeitadas, e até mesmo a não crença religiosa. Que possamos comungar na crença da humanidade, da diversidade, do bem comum. Que seja declarada justa toda forma de amor. Que nenhuma mulher seja alvo do machismo estrutural. Que a juventude negra não seja alvo do extermínio. Que Marias Eduardas não sejam assassinadas dentro da escola. Que Marquinhos da Maré não sejam assassinados indo para a escola. Que Marielles possam chegar em segurança nas suas próprias casas. Que todo agricultor tenha uma terra para plantar, que todo sem-teto tenha uma casa para morar. Que os indígenas sejam respeitados nas suas crenças. Que as fronteiras acabem e as armas caiam no chão. Que a felicidade venha sobre

<sup>1</sup> O episódio foi exibido em 04/12/2018.

nós, respeitando toda dor e consolando toda lágrima, porque felicidade de verdade só é possível sob a bênção da comunhão. Amém, axé, e o que de mais universal existe: amor (VIEIRA, 2019, p. 7).

É interessante notar como A Oração da Felicidade sustenta um espaço de visibilidade específico, marcado pelo antagonismo a certas ordens político-religiosas que, então, se organizavam no país em 2018. Antes de se pensar propriamente sobre a materialidade discursiva e a tematização do enunciado da felicidade pela diversidade, é preciso ressaltar como as figuras religiosas assumem um espaço de reconhecimento na mídia que lhes dá margem para atuação a partir de diversas posições. Essas figuras podem ser vistas como líderes espirituais, celebridades, cantores, representantes de uma determinada fé, ou “exemplos de vida”, por exemplo. A questão, portanto, não é propriamente discutir o lugar em si ou a sua legitimidade, mas o que é necessário para que esse lugar seja ocupado. Nesse caso, o lugar a partir da Oração é particularmente interessante, porque descortina a negociação em torno da felicidade/diversidade materializado num gênero discursivo reconhecidamente religioso, proferido por um pastor num programa de TV não-religioso.

“Amor & Sexo” é um programa de auditório que foi exibido na grade da Rede Globo no período de 2009 a 2018, sendo comandado em todas as suas 11 edições pela atriz Fernanda Lima. Em estudos prévios sobre o programa, Bilenki e Máximo (2017) e Nascimento, Santos e Rodrigues (2017) explicam que as primeiras temporadas de Amor & Sexo eram marcadas por uma abordagem heteronormativa (e branca) da sexualidade. Segundo Bilenki e Máximo (2017), os quadros propostos e as intervenções da apresentadora tendiam a apresentar o sexo como um produto natural muito mais do que uma questão histórica. Um exemplo disso, citam as autoras, é a forma como os relacionamentos homossexuais eram silenciados, pois a experiência ressaltada apontava sempre para aquela entre um homem e uma mulher. Para Nascimento, Santos e Rodrigues (2017), um novo enquadramento da sexualidade começou a ser percebido em 2014 quando as pautas do programa (que teve seu formato reformulado, inspirando-se abertamente no auditório do Chacrinha, com uma bancada de jurados e apresentações artísticas) passaram a incluir a realidade de casais do mesmo sexo, ou discutir temas como a violência doméstica ou empoderamento feminino. Pode-se dizer que, a partir daí, “Amor & Sexo” passou a pautar e a ressaltar uma sexualidade politizada, expressão de Gayle Rubim (2003, p. 100) que entende que, como outros aspectos da atividade humana,

as formas institucionais concretas da sexualidade [...] são imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada. Nesses períodos o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado.

Essa sexualidade politizada de Amor & Sexo, portanto, se refere ao momento bastante específico na trajetória do programa em que o campo da sexualidade passa a abarcar questões de uma agenda que, até então, não lhe parecia afim. Entre as várias questões e convidados

que passam a fazer parte do escopo do programa, a figura de Henrique Vieira chama atenção por sua identidade religiosa e pela temática a ser trabalhada. Assim, felicidade, amor e sexo se encontram no programa articulados no formato religioso de uma oração. Considerando as premissas editoriais necessárias para que a felicidade se inscreva no roteiro de “Amor & Sexo”, é importante elaborar as negociações de sentido necessárias para que tal encontro temático se legitime no programa a partir de uma oração.

## COMO SE FAZ UMA ORAÇÃO?

Conhecido como o santo da oração contínua, Agostinho apresenta em sua “Carta 130 à Proba” um verdadeiro tratado sobre o tema. A preparação do espírito, o objeto de pedido da oração, bem como sua justificativa e modo de orar fazem parte das instruções que endereça à Faltania Proba, viúva do prefeito de Roma. Dentre as suas recomendações, ele não hesita sobre o que se deve pedir a Deus: a vida bem-aventurada. E explica:

Todos os homens querem possuir vida feliz, pois mesmo os que vivem mal não viveriam desse modo, se não acreditassem que assim são, ou que podem vir a ser felizes. Que outra coisa te convém pedir se não o que bons e maus procuram adquirir, ainda que somente os bons o consigam? (AGOSTINHO, 2001, p. 30).

Continuando sua interlocução pedagógica, Agostinho explica que não somente a vida eterna deve ser desejada nas orações. Para ele, os bens terrestres são também necessários. Saúde, honras e glórias pra si e para os seus se apresentam como uma forma legítima de pedido, desde que sejam feitos sem “pompa supérflua ou vaidade nociva” (*ibid.*, p. 31). O que se pode extrair desse documento é a centralidade da oração como uma ferramenta de comunicação com Deus. E o pedido está no centro desse processo comunicativo. Segundo Agostinho, quem ora pede por algo que Deus, de antemão já sabe, mas que precisa ser pedido mesmo assim: “Temos de entender que o intuito de nosso senhor Deus não é ser informado sobre nossa vontade, mas despertar pela oração o nosso desejo” (Agostinho, 2001, p. 30), explica. Assim, pedir na oração não é necessariamente apresentar uma demanda a Deus e sim preparar-se para, “com firmeza e capacidade, a espera daquilo que ardentemente desejamos” (*ibid.*, p. 30). Uma oração é, portanto, uma mediação importante que revela o horizonte de expectativas de quem a realiza.

Ultrapassando a questão teológica, uma oração é também um gênero discursivo: apresenta conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional que podem ser facilmente identificados. Mesmo em ambientes seculares, as orações são potentes mecanismos de comunicação, como é o caso da “oração da serenidade”<sup>2</sup>, por exemplo. Como explica Bakhtin (2011), os gêneros organizam os discursos quase que da mesma forma com que organizam as

2 A Oração da Serenidade é uma prática adotada nos encontros promovidos pelos Alcoólicos Anônimos (AA) como parte do tratamento da adição em álcool. Ela assim se apresenta: “Concedei-nos, Senhor, a Serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar. Coragem para modificar aquelas que podemos, e sabedoria para distinguir umas das outras” (AA, 2015, p. 32). Segundo a organização, não existe um consenso sobre a origem da oração, mas reconhece que existe uma efetividade na oração que pode ser entendida como um “guia maravilhoso para alcançar a sobriedade, continuar sóbrio e desfrutar de uma vivência sóbria. Quer consideremos a Oração da Serenidade uma verdadeira prece ou apenas um desejo fervoroso, ela oferece uma receita simples para uma vida emocional saudável” (*ibid.*, p. 32).

formas gramaticais (sintáticas) da comunicação humana, uma vez que:

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume, uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2011, p. 283).

Assumindo que o pedido é uma questão central da oração, enquanto gênero discursivo, e que tal qual ensaja Santo Agostinho, o pedido interessa menos a Deus (que já sabe de antemão o que se quer) e mais a quem pede (pois o prepara para o momento em que será atendido), é possível fazer algumas considerações sobre a felicidade (ou a vida bem-aventurada) impetrada na oração. A primeira delas é que a felicidade desejada se apresenta sobre a forma da diversidade. Ou seja, na perspectiva do texto analisado, pedir pela vida bem-aventurada (nos termos de Santo Agostinho) é, sobretudo, pedir pelo respeito à diversidade tematizada pelo pastor nos âmbitos da religião, das formas de gênero, da expressão sexual, e nas formas de classe, raça e etnia. São tematizações importantes, que compõem a noção de felicidade desejada na Oração e que, ao mesmo tempo, estabelecem um diálogo tanto com os direcionamentos editoriais do programa quanto com os acontecimentos políticos daquele ano de 2018 no país.

## DIVERSIDADE NA ORAÇÃO DA FELICIDADE: VÁRIOS FIOS DE TEMATIZAÇÃO

O primeiro campo de diversidade que a Oração aciona é religioso. Assim, cabe ressaltar como o respeito não só a diferentes matrizes religiosas (as crenças, como o pastor formula), como também às não crenças religiosas. É interessante notar como a diversidade na religião se mostra no primeiro e último versos estabelecendo um paralelismo. No primeiro temos: “Que todas as crenças religiosas sejam respeitadas, até mesmo a não crença religiosa” (VIEIRA, 2019, p. 7), o que revela um campo de diversidade que abarca quem crê e quem não crê. No último verso temos: “Amém, axé e o que de mais universal existe: amor” (VIEIRA, 2019, p. 7). Nosso argumento é que se no primeiro verso a diversidade religiosa foi definida entre os que creem e os que não creem; no último, percebe-se uma demarcação diferente, colocando os que creem no campo semântico do *amém* e do *axé* e os que não creem no campo semântico (e universal, argumenta o Pastor) do amor.

Cabe aqui uma reflexão que ajuda a pensar como essa equivalência entre crença e amém/axé, por um lado, e não crença articulado com amor (“o que há de mais universal”, nas palavras de Vieira) opera uma questão importante na Oração da Felicidade. Refletindo sobre a desconfiança, na cultura brasileira, que recai sobre a figura do ateu, Montero (2011) nos mostra que a ideia de fé enquanto confiança na força do sagrado é a ideia-chave que move o campo religioso no país. Assim, explica a autora, se desconfia do ateu “o oposto do homem religioso

[...] por sua falta de fé, percebida como recusa em estabelecer relações de reciprocidade e aliança com a esfera sobrenatural e, em última instância, com os congêneres humanos” (MONTERO, 2011, p. 3). Argumento, assim, que a inclusão da não crença (e, portanto, dos que não creem ou mesmo daqueles q não têm fé), mesmo sob a égide da diversidade, só poderia ser feita se houvesse um equivalente “secular” para a fé, no caso o “amor universal”, de que o pastor fala.

Assim, se o respeito à diversidade de crenças encontra guarida no imaginário que apazigua cristianismo e religiões de matriz africana (*amém e axé*), a resolução discursiva encontrada pelo Pastor para incluir os que não creem está na viabilidade do amor como um valor universal, como ele mesmo pontua em sua Oração. Como explicam Falcão, Bronsztein e Rodrigues (2018), percebe-se como o amor é um afeto central na gestão de subjetividades sexuais e religiosas contemporâneas, chegando até mesmo a substituir a figura de Deus em alguns enunciados. Ou seja, Deus como amor, ou o amor como a própria expressão de Deus, é um projeto ético, que encontra guarida numa memória discursiva da Graça e que tem ampla circulação e aceitação também entre grupos que não se identificam necessariamente como religiosos (FALCÃO, BRONSZTEIN, RODRIGUES, 2018).

Seguindo o desenvolvimento da Oração, dois versos refletem com muita assertividade a agenda política do programa comandado por Fernanda Lima. “Que seja declarada justa toda forma de amor. Que nenhuma mulher seja alvo do machismo estrutural” (VIEIRA, 2019, p. 7) ressaltam um dos pilares éticos de Amor & Sexo, sobretudo a partir de sua mudança editorial numa sexualidade politizada, como argumentei anteriormente. Nessa perspectiva, o programa assumiu, a partir daquele ano, não só um formato mais dinâmico, como abriu sua pauta para contemplar temas como feminismo, machismo e LGBTfobia, por exemplo. A última temporada de Amor & Sexo, da qual o episódio com a “Oração da Felicidade” faz parte, é bastante emblemática, uma vez que trouxe ao palco do programa a presença de Camila Mantovani, representando a Frente Evangélica pelo Aborto, justamente para falar sobre o tema. O episódio foi exibido em 13 de novembro de 2018<sup>3</sup>.

Nos dois versos, a diversidade é tematizada a partir de questões bem específicas. No primeiro, fica evidente o argumento da diversidade sexual que se propõe à desconstrução da heteronormatividade ao legitimar formas não heterossexuais de amar. O enunciado da diversidade aciona também uma memória discursiva através da intertextualidade com a canção de Lulu Santos, “Toda Forma de Amor”<sup>4</sup>. No segundo verso, ao mencionar o machismo estrutural, a Oração da Felicidade se alinha à discussão sobre a interdição das mulheres em espaços de poder, a partir de um sistema de privilégios masculinos que depende de práticas e discursos

3 Para assistir ao episódio na íntegra: <https://globoplay.globo.com/v/7159808/>. Acesso em: 8 ago. 2019.

4 Lançada em 1988, a composição tem como um de seus versos: “Consideramos justa toda forma de amor”. A música foi usada pela marca de perfumaria O Boticário para a campanha de Dia dos Namorados de 2015, em que vários casais se encontram e se presenteiam. Numa dessas astúcias em que a memória discursiva atua, parece relevante lembrar também que a vida afetiva do referido compositor ganhou visibilidade quando ele postou poucos meses antes da exibição do programa (em julho de 2018), nas suas redes sociais, uma fotografia com seu então namorado, Clebson Teixeira. O fato casou uma espécie de comoção em torno da “saída do armário do cantor”.



machistas e misóginos (TIBURI, 2018). Refletindo sobre o tema, Mary Beard explica que é por conta dessas estruturas que

[...] as mulheres ainda são vistas como ocupando um lugar fora do poder. Podemos, com sinceridade, querer que façam parte dele ou, de diversas formas muito inconscientes, considerá-las como intrusas quando chegam a posições de poder. Sob todos os aspectos, as metáforas habituais que usamos para nos referirmos ao acesso feminino ao poder – “batendo na porta” [...] “quebrando as barreiras” [...] sublinham a exterioridade feminina. As mulheres no poder são vistas como tendo ultrapassado os limites ou se apossado de algo a que não têm direito (BEARD, 2018, p. 64).

Mas a questão do machismo estrutural recai também sob um acontecimento extra discursivo relativo ao programa e que antecede o episódio analisado. Num *post* em que explica para seus telespectadores por que processou o cantor sertanejo Eduardo Costa, Fernanda Lima faz uso da mesma expressão<sup>5</sup>. No texto, endereçado ao jornalista Ricardo Feltrin, que repercutiu o caso, ela afirma:

Faz parte do machismo estrutural transformar a vítima em ré. Era justamente esse o assunto do programa Amor e Sexo que tanto indignou o meu agressor. [...] É simples dizer que ela [a mulher] é louca, descompensada, dá chiliques, logo não tem razão nenhuma sobre os fatos. Inclusive, Ricardo, esse era o tema principal do Programa Amor e Sexo que gerou tanta polêmica. Viu como é importante falarmos e sabotarmos essa engrenagem machista?

Os versos que compõem a Oração da Felicidade se constituem, portanto, nos fios dialógicos (BAKHTIN, 1998) que tramam os acontecimentos num determinado cenário político brasileiro, como aquele observado em 2018. Dessa forma, os fios que conectam a Oração da Felicidade com os fatos extradiscursivos que se davam no país à época, também costuram respostas ativas aos assassinatos de pessoas como a vereadora carioca Marielle Franco, e dos estudantes Maria Eduarda e Marquinhos da Maré. Há, nessas linhas, um encadeamento inevitável com as questões da violência policial no Rio de Janeiro: “Que a juventude negra não seja alvo do extermínio. Que Marias Eduardas *não sejam assassinadas dentro da escola. Que Marquinhos da Maré não sejam assassinados indo para a escola. Que Marielles possam chegar em segurança nas suas próprias casas*” (VIEIRA, 2019, p. 7). Mas também há questões de segurança nacional: “Que as fronteiras acabem e as armas caiam no chão; e de políticas públicas: Que todo agricultor tenha uma terra para plantar, que todo sem-teto tenha uma casa para morar. Que os indígenas sejam respeitados nas suas crenças” (VIEIRA, 2019, p. 7). Refletindo com Bakhtin (1998), o dialogismo desses enunciados fica evidente, pois se relaciona com vários já-ditos prévios sobre o tema, assumindo uma posição ativa, dialogicamente orientada. Ele explica:

O enunciado surgido num determinado momento social e histórico não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo desse diálogo social (BAKHTIN, 1998, p. 86).

5 O sertanejo postou em suas redes sociais que a apresentadora era “imbecil”, por conta de seu discurso sobre feminismo, proferido no encerramento do programa que foi ao ar em novembro de 2018, cujo tema era pautado pelas lutas feministas. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/12/11/fernanda-lima-processa-eduardo-costa-apos-ofensas-em-rede-social.ghtml>. Acesso em: 5 jul. 2019.

Temos, então, o enunciado da diversidade tematizado a partir das questões dos direitos das minorias. Cabe lembrar aqui que, em dezembro de 2018, quando foi ao ar o episódio da Oração da Felicidade, o Brasil já havia eleito Jair Bolsonaro como presidente da República. Para compor esse diálogo social de que Bakhtin (1998) fala, ressaltamos que o então presidente eleito foi reconhecido como um candidato que “despreza as minorias”<sup>6</sup>, e que se mostrou, ao longo da campanha, comprometido em criminalizar os movimentos sociais<sup>7</sup>.

## UMA ORAÇÃO PARA UMA FELICIDADE POLÍTICA

As tematizações da diversidade que a Oração da Felicidade apresentou mostram uma vontade discursiva política e antagonônica. Contribui para isso também a própria figura do pastor Henrique Vieira, uma personalidade conhecida no campo político brasileiro por seu posicionamento político-religioso que ganhou significativa visibilidade midiática, justamente, a partir das eleições de 2018, com sua atuação na produção de conteúdo para internet, antagonizando o senso comum acerca dos evangélicos e suas escolhas políticas (FALCÃO, 2021). Antes disso, no entanto, Vieira já era previamente conhecido por seu ativismo, além de ser uma das lideranças da Igreja Batista do Caminho (IBC), em Niterói, foi colunista do Mídia Ninja, coletivo de comunicação digital reconhecido pelo trabalho ativista e socialmente posicionado. Essa contingência, típica do que se define como protagonismo religioso (FALCÃO, 2022), ajuda a compreender a viabilidade de uma figura religiosa como o pastor Henrique Vieira para ocupar a mesa de jurados do programa Amor & Sexo. Há, nesse processo, o reconhecimento do pastor como um interlocutor legítimo das pautas que o programa apresenta.

O protagonismo religioso articula um posicionamento não-hegemônico tanto no que diz respeito às formas de reprodução simbólica quanto às suas formas de interpretação religiosa. Figuras do protagonismo não são conhecidas pela vasta popularidade na cultura de massa, mas sim pela circulação de suas reputações nos fluxos digitais de comunicação. Assim, “o protagonismo religioso pode ser entendido como uma prática discursiva que engloba um posicionamento político-religioso antagonônico e uma competência de visibilidade digital” (FALCÃO, 2022, p. 11). Nesse sentido, a chave da autoridade ou da celebridade (muitas vezes acionadas para descortinar a visibilidade de padres e pastores em cenários não-religiosos como um programa de TV) não pode ser usada para explicar o lugar (político e discursivo) do pastor no *script* do programa Amor & Sexo. A perspectiva do protagonismo religioso aponta para “uma prática discursiva modulada na visibilidade que posiciona a diferença, a dissensão” (FALCÃO, 2022, p. 11).

Meu argumento é que, ao vir de um lugar “de fora” do *mainstream* cristão, seguindo as prescrições do protagonismo religioso, Henrique Vieira pactua outra forma de visibilidade

6 Sobre o discurso de desprezo das minorias, ver: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>. Acesso em: 1º out. 2019.

7 Sobre o tema, ver: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/como-a-criminalizacao-do-ativismo-enfraquece-a-democracia/>. Acesso em: 1º out. 2019.



para figuras religiosas, sobretudo evangélicas, comumente associadas a pautas conservadoras e, muitas vezes, sectárias. Essa forma diversa de aparecer no espaço público não é inédita nem foi inaugurada pelo referido pastor. No entanto, é inegável que ela possui uma característica específica e, como tal, não vai ser apreendida nos grandes shows ou cultos televisionados, ou nos livros *best-sellers* de padres e casais blindados<sup>8</sup>, etc. Além disso, ao pensar como essas formas se apresentam e se justificam nos espaços públicos, fomenta-se também a compreensão de que, mesmo o campo aparentemente estável daquilo que comumente se pensa como “presença evangélica” é, na verdade, um espaço atravessado por disputas de sentido e presença. Por isso, é importante ressaltar o quanto as figuras encarnadas e suas singularidades carismáticas importam pouco para pensar sobre visibilidade midiática. Especialmente neste trabalho, essas questões dão lugar à compreensão das condições necessárias para que certas posições se tornem visíveis, legítimas, reconhecidas.

Ao trazer para o centro do debate o conceito de protagonismo religioso, quero menos mensurar progressismos e conservadorismos (noções relevantes, mas que se tratadas como únicas referências, podem ser reducionistas e cair no risco do essencialismo) e mais enfatizar as disputas e negociações que se fazem necessárias para que a Oração da Felicidade faça sentido num programa sobre amor e sexo. Ao postular a felicidade a partir da diversidade, Henrique Vieira opera um deslizamento interessante de se notar, pois é sabido que a felicidade é um tema sobre o qual recai uma insistente atenção nos meios de comunicação. Refletindo sobre como a felicidade se apresenta como uma variável psicológica, mensurável, autônoma e administrável, na cultura mundial de classe média, Nandy (2015) afirma que a busca da felicidade se tornou uma importante característica de nosso tempo. O autor explica que

Essa busca consciente [...] transformou gradualmente a ideia de felicidade como um estado mental para uma qualidade da vida objetificada, que pode ser alcançada da mesma forma como um atleta – após treinar com especialistas e cumprindo um estrito regime de exercícios e dieta – ganha uma medalha em um encontro esportivo (NANDY, 2015, p. 250).

O aspecto ético da felicidade (como devo viver para ser feliz), como o autor precisamente diagnostica, parece ser sensivelmente desestabilizado pelo aspecto político que Vieira recomenda à Oração. Nela, as formas diversas de vida reverberam também formas diversas de atuação política e possibilitam uma felicidade supostamente reconhecida e referendada, seja por um “pastor progressista”, seja pela audiência noturna do programa Amor & Sexo, fiduciária de sua linha editorial. Assim, a oração analisada propõe (1) que essas formas de vida estão dadas e são reconhecidas (crenças e não crenças, toda forma de amor, mulheres, juventude negra, juventude das periferias, população indígena, lideranças políticas, etc.), ao mesmo tempo em que (2) pede (ou mesmo propõe) como podem todas elas conviverem, existirem juntas. Nos segundo e penúltimo versos, o pastor reafirma o tom político de sua prece: “Que possamos comungar na crença da humanidade, da diversidade, do bem comum [...] Que a felicidade venha sobre nós,

<sup>8</sup> Sobre o tema, ver Rodrigues (2014), sobre a construção da visibilidade de figuras religiosas através da temática da autoajuda, que ganha bastante espaço no mercado editorial brasileiro.

respeitando toda dor e consolando toda lágrima, porque felicidade de verdade só é possível sob a bênção da comunhão” (VIEIRA, 2019, p. 7). O bem comum e a comunhão norteiam o devir político da Oração da Felicidade, apresentando-se como contrapartidas equivalentes que se remetem ora ao secular, ora ao religioso.

Volta-se, então, à primeira inquietação que este trabalho tentou compreender. Afinal, qual a questão no fato de que um pastor batista, num programa sobre sexualidade, faça uma “Oração da Felicidade”? Fica evidente que esse acontecimento desestabiliza alguns limites implícitos e supostamente “naturais” entre religioso e secular. É valioso considerar, no entanto, o que Hirschkind (2017) alerta sobre as postulações que colocam o campo secular diametralmente oposto ao religioso. Essa assunção, argumenta, é problemática pois sugere que o primeiro interdita o segundo. Na verdade, para o autor,

[o secular é] um conceito que articula uma constelação de instituições, ideias e orientações afetivas que constituem uma importante dimensão do que chamamos de modernidade e das formas de conhecimento e prática que a definem – sejam elas religiosas ou não-religiosas (HIRCHKIND, 2017, p. 175).

Em linhas gerais, o que Hirschkind propõe é que as sensibilidades seculares assim se apresentam não porque sejam não-religiosas, mas porque têm sido “discursivamente identificadas e valorizadas através do discurso do secularismo” (*ibid.*, p. 180). Não há, portanto, uma oposição fundadora entre o “religioso” e o “secular” e sim regras, contingências em que o primeiro se faz inscrever no outro, e vice-versa. No caso especificamente analisado, entende-se que a presença de Henrique Vieira no programa de auditório demonstra uma negociação discursiva importante e, de certa forma, sintomática dos esforços que o religioso precisa fazer/parecer para se inscrever nas pautas seculares. A fala do pastor assume preponderância não só porque aciona interdiscursos (e ressalta intertextos) relevantes para a pauta do programa Amor & Sexo, mas também, e sobretudo, porque o faz numa perspectiva religiosa que não ofende a sensibilidade secular dessa mesma pauta. Dito de outra forma: a gramática da “Oração da Felicidade” subscreve de forma secular seus argumentos religiosos, num jogo de sentidos que articula ética e política.

Esse movimento sugere que o religioso pactua limites no espaço secular, mas do que se circunscrever a ele. Ao mobilizar e negociar o enunciado da felicidade a partir de uma ética da diversidade, fica claro que os sentidos políticos da felicidade formam a credencial necessária para que o pastor se legitime no palco do programa. O que a “Oração da Felicidade” mostra são dois níveis de negociação que se relacionam e determinam. Um, no nível discursivo, aciona memórias e intertextos usando um campo semântico no qual o programa Amor & Sexo já vem circulando e com o qual se identifica. A diversidade é, por sua vez, o emblema desse processo, ou mesmo seu componente ético: toda forma de amor, todas as crenças e não crenças, todas as pessoas (povos indígenas, juventude negra, as mulheres, etc.) se entrelaçam, tal qual sugerem os “fios bakhtinianos”. O segundo nível é político e habilita, através da gramática da comunhão e do bem comum, as formas de estar junto dessa mesma diversidade. Há, nesse sentido, o tema do combate ao machismo estruturante, a defesa da reforma agrária, o respeito aos povos indígenas, o fim da xenofobia, o combate ao desarmamento e a reivindicação de segurança pública.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz parte da argumentação de Santo Agostinho, em sua carta 130, a referência ao apóstolo São Paulo em Romanos: “Não sabemos pedir o que nos convém” (Rm 8, 26). Na verdade, é daí que o Bispo começa sua argumentação sobre a oração. Reconhecer o que nos convém e fazê-lo em oração apropriadamente formam o grande objetivo pedagógico de Santo Agostinho em sua referida carta. Ao eleger a felicidade como aquilo que convém pedir, o pastor Henrique desdobra sua oração no campo da diversidade. Com isso, ele argumenta que os sujeitos dessa felicidade se encontram em corpos tão diversos quanto oprimidos.

Essa é a contrapartida ética da Oração da Felicidade: os corpos e suas formas de vida existem e são reconhecidos, produzindo um lugar de (re)conhecimento que se dá tanto no nível discursivo da oração (rogando por proteção), quanto na materialidade mesma do programa de TV em que o pastor se insere. São lugares sociais que revelam crentes e não crentes, são as mulheres, todas as formas de amor, a juventude negra, os moradores da periferia, os ativistas sociais, a população indígena, os sem-terra e os sem-teto. Assim, não se trata, na Oração, de reconhecer a humanidade desses sujeitos, mas sim de atrelar à felicidade pela qual pedem (suplicam, como preferencialmente Santo Agostinho recomendaria) uma natureza ética, uma forma de existir, ou de existência. Ao mesmo tempo, a ideia de diversidade, tampouco é exterior ao próprio desenvolvimento do programa Amor & Sexo. Ela também norteia a linha editorial que foi sendo construída ao longo de suas onze temporadas, isso foi capaz de articular ao debate sobre sexualidade humana uma série de posições políticas que a diversidade ética da “Oração da Felicidade” produz. Nessa perspectiva, é possível afirmar que a sexualidade politizada do programa comandado por Fernanda Lima ganha contornos definidos na oração de Henrique Vieira, incluindo a diversidade descrita anteriormente.

Percebe-se que o pedido dessa oração assume sua contrapartida política, que é como essa diversidade pode viver em conjunto. O bem comum e a comunhão, expressões utilizadas na oração, formam esse espaço público possível que reconhece, de antemão, a humanidade desses corpos diversos e postula sua forma de existência: “[...] porque a felicidade de verdade só é possível sob a bênção da comunhão” (VIEIRA, 2019, p. 7). Ou: “Que possamos comungar na crença da humanidade, da diversidade, do bem comum” (VIEIRA, 2019, p. 7). O que Vieira faz é um deslocamento do próprio sentido de ser feliz, não um estado subjetivo de contentamento ou uma forma específica de afeto. Esse deslocamento abre espaço para a expressão de uma felicidade política e pedir por ela, através de uma oração, num programa de televisão sobre amor e sexo, é um acontecimento que suscita reflexões sobre o lugar que as falas religiosas ocupam ou podem ocupar em espaços seculares.

Para isso, é preciso tomar a sensibilidade secular como uma forma de ordenar os enunciados religiosos de modo que eles sejam críveis, assumindo que o discurso religioso ocupa um lugar dentro das instituições, ideias e orientações afetivas da secularidade (HIRSCHKIND,

2017), desde que esteja suscetível a certos ordenamentos, limites e assunções de sua validade. No caso analisado, a Oração da Felicidade se legitima no palco de Amor & Sexo por conta de suas premissas éticas (reconhece a humanidade da diversidade dos corpos) e políticas (demanda uma vida possível e coletiva desses mesmos corpos). Dois vetores, vale lembrar, que se encontram na linha editorial do programa, o que produz não um estranhamento sobre um pastor batista num programa secular, mas uma espécie de “afinação” entre eles. Não se trata aqui, portanto, de supor as condições singulares de Henrique Vieira para ocupar esse espaço, e sim, de entender que existem condições de produção que possibilitam certos sujeitos religiosos a falarem certas coisas em certos lugares, uma premissa que retira das categorias “religioso” e “secular” qualquer atributo de essencialidade. Refletir sobre essas condições e que o é dito (e interdito) a partir delas parece uma estratégia interessante para compreender o atual panorama político do país em suas interfaces com a religião e como certas visibilidades se constituem.

## REFERÊNCIAS

- AA. VIVENDO sóbrio: alguns métodos usados por membros de A. A. para não beber. São Paulo: JUNAAB, 2015.
- AGOSTINHO, Santo. Patrística - Dos Bens do Matrimônio | A Santa Virgindade | Dos Bens da Viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, v. 16. São Paulo: Paulus, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BEARD, Mary. Mulheres no Poder: Um Manifesto. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.
- BILENKI, Maisa Regina; MÁXIMO, Maria Elisa. Amor & Sexo: sexualidade, feminismo e contra-agendamento da mídia. In: Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul, 18, 2017, Anais... Caxias do Sul: Intercom, 2017.
- FALCÃO, Carolina. “Nem todo evangélico, nem todo cristão: entendendo o protagonismo religioso no Brasil”. São Paulo: Editora Annablume, 2022.
- FALCÃO, Carolina. Nem todo evangélico é broadcasting (e conservador): protagonismo religioso e a construção da visibilidade pelo antagonismo. TROPÓS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA (ISSN: 2358-212X), [S. l.], v. 10, n. 1, 2021. Acesso em: 19 jun. 2021.
- FALCÃO, Carolina; BRONSZTEIN, K. R. M. P. P.; RODRIGUES, Emanuelle G. B. O lugar de Deus é onde eu quiser: enunciações de religiosidade e sexualidade num evangelho afetivo-midiático. CULTURAS MIDIÁTICAS, v. 11, p. 66-81, 2018. Acesso em: 19 jun. 2021.
- HIRSCHKIND, Charles. Existe um corpo secular?. In: Religião e Sociedade, 37(1): 175-189, 2017.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: Ruth Amossy (Org.). Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2011. p. 69-92.
- MONTERO, Paula. O Campo Religioso, Secularismo e a Esfera Pública no Brasil. Boletim CEDES, out./dez., 2011. ISSN 1982-1522. Disponível em: [chrome-extension://oemmndcblldboiebfnladdacbfmadadm/http://www.cis.puc-rio.br/cis/cedes/PDF/out\\_2011/campo.pdf](chrome-extension://oemmndcblldboiebfnladdacbfmadadm/http://www.cis.puc-rio.br/cis/cedes/PDF/out_2011/campo.pdf). Acesso em: 2 abr. 2019.
- NANDY, Ashis. Felicidade In: CASTRO, Lúcia Rebello de (Org.). A imaginação emancipatória: desafios do século 21. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 249-260.

NASCIMENTO, Iurio. SANTOS, Maria Andreia; RODRIGUES, Isadora. Gênero e Sexualidade: Uma análise do Programa 'Amor & Sexo' exibido em 2 de março de 2017. Congresso de Ciência da Comunicação na Região Nordeste, 18, 2017, Anais... Fortaleza: Intercom, 2017.

RUBIN, Gale. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Revisão de Miriam Pillar Grossi. Cadernos Pagu, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

TIBURI, Marcia. A máquina misógina e o fato Dilma Rousseff na política brasileira. In: RUBIM, Linda; ARGOLLO, Fernanda (Orgs.). O Golpe na perspectiva de gênero. Salvador: Edufba, 2018, p. 105-116.

VIEIRA, Henrique. O Amor como Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.